

## **LITERATURA INFANTIL: Caminhos para a linguagem oral e escrita<sup>1</sup>**

**Marina Kinschikowski Ferrari<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Esta pesquisa realizada em diferentes suportes e materiais teóricos desdobrou-se a compreender aspectos inerentes a primeira infância que encontra-se em grande potencial de aprendizagem, como a linguagem oral e as primeiras formações de ideias das crianças sobre escrita, para que ela serve e como funciona. Com estas duas linguagens em muito movimento neste período, precisamos apresentar e oportunizar momentos que garantam estas práticas e que valorizem estas interações. Nesta junção, o discurso literário na infância traz muito do que se precisa para dar altivez à ludicidade, e dentro deste discurso será relacionado a importância do letramento literário na primeira infância como um direito de acesso à arte literária, respeitando os direitos que lhes são próprios e as suas necessidades. A partir deste viés há uma reflexão sobre formas intencionais e planejadas de espaços com leitura e literatura que por de trás destas tenham teorias embasadas e também fundamentadas na fala e prática do professor, e assim elucidará conceitos importantes que se esclarecidos no conhecimento do professor ganham espaços com integralidade em suas práticas, são eles a concepção da leitura frutiva e da formação estética da criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância. Letramento Literário. Linguagem oral e escrita.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo se sustenta a partir da ampliação de estudos teóricos referentes a possibilidade de caminhos e meios para que se efetive o letramento literário na infância, que se dá como um processo de contato com os livros literários e não somente com raros encontros entre a criança e a linguagem literária

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de especialista, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, eixo Alfabetização do Instituto Federal Catarinense, campus Camboriú, sob orientação da professora doutora Maria Laura Pozzobon Spengler – maria.spengler@ifc.edu.br.

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia, professora da rede privada em Balneário Camboriú - marinakferrari@outlook.com

Quando se observa um grupo de crianças percebe-se suas formas únicas e criativas de se comunicar com o mundo, como seus modos de brincar, do uso ativo da imaginação e das brincadeiras de faz de conta, de suas expressões faciais que exprimem seus sentimentos, seus desenhos que descrevem suas compreensões de mundo, e tantas de suas outras linguagens como a dança, a fala, e demais modos de comunicarem-se. As crianças se relacionam com o mundo a partir das linguagens, e é nesse sentido que pensamos o contato das crianças com a oralidade, a leitura e a escrita, enfatizados nesse artigo, a partir do letramento literário.

Estes aspectos relativos às linguagens das crianças, mais especificamente à oralidade, leitura e escrita são fundamentalmente relevantes na infância e devem ter atenção, especialmente nas instituições educativas, com propostas e práticas pedagógicas que objetivem fomentar os movimentos das crianças em suas descobertas e aprendizagens, possibilitando diálogos que contribuam para o desenvolvimento individual da criança, e também coletivo nestas suas linguagens, pois toda aprendizagem se desenvolve por meio de percursos de conhecimento, que segundo Azenha (1997), são prévios à escolarização, e é por esse percurso que deve-se proporcionar às crianças o acesso ao mundo letrado, por meio das práticas sociais de leitura e escrita, como aquelas encontradas na literatura infantil.

O conceito de letramento literário nos ajuda a compreender a necessidade de afirmar o importante papel das instituições educacionais na formação de leitores, sendo assim, o espaço da educação infantil, como primeira etapa do ensino básico é convocado, e com ele todas as pessoas envolvidas com a educação nesses espaços para reconhecer a relevância do acesso ao material literário de qualidade, já que ali as crianças poderão ter os primeiros contatos com a leitura e a escrita, com o mundo letrado. São os espaços educacionais os lugares por excelência do acesso ao conhecimento do mundo, e este pode se dar por meio da leitura dos livros de literatura infantil.

Esse conceito surgiu a partir das discussões da professora pesquisadora Magda Soares (2000), que defende a ideia de letramento que se diferencia da alfabetização, para a autora, a alfabetização é o aprendizado da tecnologia da escrita, com todas as suas especificidades técnicas e o letramento, por sua vez, é o uso da escrita e da leitura nas práticas sociais vividas pelas pessoas em seus cotidianos. Assim, o letramento literário, que para Rildo Cosson (2012) seria a leitura literária como prática social, sendo assim, um processo desenvolvido desde o momento que a criança tem contato com os livros de literatura e que jamais se finda.

Desse modo, o letramento abrange uma vasta gama de práticas culturais em diferentes níveis, possibilitando diferentes maneiras e graus de interação de

cada sujeito com a leitura e a escrita. Como exemplo disso podemos pensar no sujeito que mesmo sem domínio do código escrito está imerso em contextos letrados, em contato com diferentes tipos de textos em diversos suportes. (SPENGLER, 2017, p. 58).

Quando se está nesses espaços da criança, como educador, neste trajeto de descobertas, não se pode deixar de oportunizar e de realizar vivências para que as crianças façam vivas as suas vozes e narrativas, que as incentivam a serem criadores de histórias, a partir de experiências estéticas vivenciadas pela literatura que as permitam sentir as emoções de LER uma história, tomando como premissa que a leitura, para as crianças pequenas, não se dá somente pelos olhos, mas sim, tomando a dimensão de todos os sentidos, as crianças pequenas leem os livros com a boca, com o olfato, com o toque e especialmente com o ouvido, pois ouvir histórias é também lê-las, assim como afirma Eliane Debus (2006) e Maria Laura P. Spengler (2017).

Este texto se propõe a desenvolver discussões sobre como a leitura frutiva pode acessar estes caminhos de experiência estética nas crianças compreendendo-as como sujeitos leitores, protagonistas criativas e refletindo sobre as formas pelas quais podemos representar a linguagem das crianças. Para compreender isso, faz-se refletir sobre o universo infantil e tudo que dentro nele torna-se aliado de um letramento literário, acreditando que o livro nas mãos de seus leitores, ganham vida e o letramento literário ganha forma, para Caroline Carvalho (2009), a criança só desenvolve uma relação com o livro, quando tem acesso a ele, “o livro guardado perde sua função social, mas, em contato com aqueles que o lêem, ele passa a ser um instrumento com uma função social definida” (p. 121).

A perspectiva da fruição estará relacionada como um caminho para o letramento literário, um conceito que traz a leitura não como um ensino de conteúdo, mas como se fosse a apreciação de uma obra de arte, que proporciona experiências estéticas de livre acesso e relacionamento afetivo com o objeto livro. A literatura é um objeto estético produzido para fins de apreciação, e pode ser facilitadora da entrada da criança no universo da leitura, da leitura pelos olhos e por todos os outros sentidos, por meio da fruição.

Segundo Spengler (2017, p. 72) por meio de “práticas de letramento literário na primeira infância asseguramos à criança o acesso ao universo cultural, respeitando a sua especificidade, pois as reconhecemos como sujeitos de cultura, inseridas em um universo de linguagem, com direito de acesso pleno a ele”.

Há um discurso comumente declarado sobre a literatura infantil de que deve ser uma prática integrante das atividades escolares, mas ainda percebe-se que ao invés de muitos livros

organizados fisicamente ao alcance das crianças em um espaço que permita a elas esboçarem suas reações e manifestações frente ao manuseio de livros, bem como a partir da mediação de adultos trazendo a eles enriquecimento e diferente experiência neste relacionamento, encontra-se ainda os espaços institucionais valorizando os livros como paradidáticos, apresentando às crianças acervo de pouca qualidade, com ilustrações estereotipadas, e textos escritos com pouco conteúdo literário, que dão o mínimo espaço para a criação da criança, destituindo da literatura infantil seu alcance de conhecimento, privando as crianças de outros desenvolvimentos intelectuais, sociais, expressivos e culturais.

A literatura infantil, por meio da palavra literária pode introduzir a criança no mundo da escrita e da leitura, e as práticas de letramento literário, desde muito cedo, podem garantir isso. E isso não significa que essa leitura, que é integrada em todas as partes sensoriais na criança em sua plena forma de desejar conhecê-la, seja uma iniciação de uma precoce alfabetização, mas sim uma proximidade com a cultura escrita, um relacionamento afetivo com os textos escritos, convívio com as possibilidades do uso social das letras, da oralidade e da leitura, que trarão sim, benefícios para um futuro processo de alfabetização, como explica Ferreiro (2013), o fato de sentar uma criança no colo e ler para ela e envolvê-la neste misterioso ato de leitura, já acontecessem importantes acessos cognitivos na criança.

### **O letramento literário na literatura infantil**

Segundo Baptista, Noronha e Cruz (2013, p. 12), “a infância é o resultado de uma construção paulatina das sociedades moderna e contemporânea”, e esta construção social que é a infância perpassa por momentos únicos com identidade própria, e com características peculiares, um período de construções sociais, de trocas e interações que são responsáveis por importantes expansões no universo infantil, permitindo que as crianças sejam, hoje, consideradas como sujeitos ativos no meio social, que compreendem, interpretam e agem sobre o mundo. Portanto,

[...] reconhecer a infância como uma construção social da qual participam as crianças como atores sociais de pleno direito implica considerar sua capacidade de produção simbólica, de representações e crenças em sistemas organizados. É na inter-relação com as outras culturas que a cultura infantil se constitui como tal. Nesse sentido, se pode afirmar que as crianças são sujeitos capazes de interagir com os signos e símbolos construídos socialmente, bem como de atribuir distintos significados a partir dessa interação. (BAPTISTA; NORONHA; CRUZ, 2013, p. 13)

Quando voltamos o olhar para a primeira infância<sup>3</sup> percebemos o envolvimento das crianças em suas interações com o mundo, elas trazem consigo maneiras únicas de formular hipóteses, com imaginação e criatividade aos seus momentos de ludicidade. Este universo infantil constitui-se de aprendizados, há um universo particular no qual a criança atribui diferentes significações às suas vivências por meio de objetos que permeiam seus cotidianos, como os brinquedos e as brincadeiras que dão sentidos em suas práticas de vivências, e também o objeto livro, que, como um objeto cultural, marcado historicamente em seu tempo e sociedade, incorpora-se na expansão deste universo infantil, possibilitando às crianças também desenvolvimento cognitivo, pois, ao ler um livro, elas passam a ler o mundo. Toda criança deve ser reconhecida como

[...] um ser que participa da criação da cultura através do uso criativo da linguagem na interação com seus pares, adultos e crianças, mas também com as coisas ou os objetos que existem ao seu redor. A representação simbólica da realidade evolui, ao longo da vida, em direções e formas cada vez mais sofisticadas ou inusitadas, tendo por base o diálogo permanente da criança com o seu contexto cultural. (SOUZA, 2016, p. 16)

Quanto a este diálogo e relação criadora entre a criança com o que há no mundo, estreita-se agora no que se vem refletindo ao longo dessa escrita, o objeto livro inserido ao letramento literário, tendo na fruição um de seus meios para que a criança tenha ainda mais garantia de acesso contínuo ao conhecimento de si, do mundo e suas formas de serem lidos e interpretados, o livro será visto como um objeto estético, uma obra de arte ampla e múltipla, aberta e polissêmica, que busca a essência lúdica da criança e às descobertas de sua identidade, segundo Oberg (2007, p.32) “a obra literária é, mais do que nunca, considerada como objeto que se oferece a sua interpretação e reelaboração de sentidos”.

Essas manifestações frente ao objeto livro com suas características, leva a criança a imergir em uma formação sensível, do enfrentamento diante do desconhecido da história, da descoberta das cores escolhidas para a ilustração, da organização das letras nas páginas e da aproximação com o objeto que propicia a leitura autônoma para que tenham contato com histórias para compreenderem a si mesmas e a realidade que as cercam. Oberg (2007) apresenta em sua tese que “a leitura literária [...] cria condições para a experimentação de

---

<sup>3</sup> A primeira infância é o período que compreende o nascimento e os primeiros seis anos de vida da criança. Sendo dividida em primeiríssima infância que compreende os três primeiros anos de vida, e a segunda fase entre os 4 a 6 anos.

deslocamentos de várias ordens (física, interior, simbólica, psicológica, cultural, entre outras)” (p.70), e que “a fruição provoca alterações no modo como o sujeito relaciona-se consigo mesmo e com o mundo” (p. 70). O livro como objeto estético, busca a formação sensível da criança, pois, segundo Carvalho (2009, p. 20) ela “lidará com este objeto [...] como um espaço para aguçar os sentidos”.

Letramento literário como princípio, o livro como um objeto estético e ambos criando relações para proporcionar a fruição literária e estética, cuja relação pode ser determinante quando os mediadores dão condições para que as crianças encontrem os livros nos espaços educacionais.

Segundo Souza (2016, p. 36) “as crianças, ao viverem suas interações sociais com outras crianças, adultos e objetos culturais que circulam no ambiente em que vivem, constituem-se como sujeitos sociais” e elas também demonstram interesse em conhecer o mundo mediado por outras pessoas, dentre isso, Ferreiro (*apud* AZENHA, 1997) fala da importância do papel do mediador para o aprendizado da criança afirmando que sua essência é motivar a participação da criança em relação à aprendizagem, em consonância com essa premissa, podemos então (re)afirmar a importância das práticas e espaços de letramento literário oportunizado por mediadores (em sua maioria adultos, mas também podem ser outras crianças, irmãos e primos mais velhos, por exemplo), em espaços nos quais ocorrem importantes interações com o universo da infância, tendo as linguagens orais, escrita e de leitura como papéis principais.

O letramento literário se constitui pelo fenômeno da leitura, como um processo que tem por objetivo a leitura literária como prática social, e o contato com a literatura infantil em seus mais variados gêneros e possibilidades, ampliando os repertórios de leitura das crianças e, portanto, possibilitando uma ampliação das expressões orais e das primeiras formações de ideias sobre o processo da escrita, estas interações abrem caminhos para a interpretação da criança do mundo que é vivenciado por ela como leitor e como criança, pois como diz Spengler (2017, p.54) a “Literatura Infantil propicia ao seu leitor aquisição de linguagem criando oportunidade de expansão de ideias e enriquecendo repertórios linguístico e cultural”.

Este letramento, como prática social, mostra para a criança, que há funções para a escrita e para a leitura, e que por meio delas, podemos expressar nossa fala e pensamento. A principal função do letramento literário é fazer com que a linguagem literária traga sentido para a vida cotidiana e que por meio dela, a escrita e a leitura possam se expandir para outras dimensões de interpretação e compreensão da realidade.

Quando incorporadas ao cotidiano da criança, as práticas de letramento literário por meio da linguagem literária, são fundamentais para promover e assegurar as curiosidades da criança em compreender como se constitui uma narrativa, como se constrói um enredo, e também para entender para que serve a escrita, quando imersas em possibilidades criativas por conta do contato com a literatura, as crianças tornam-se interlocutoras de suas ideias, encorajam-se a expressarem-se oralmente, ampliando suas experiências estéticas, na construção de novos sentidos, e neste ínterim, todo o desenvolvimento cognitivo na criança é propiciado,

Quando as práticas e propostas de letramento literário se dão de forma planejada, mediadas e contextualizadas de acordo com as linguagens da infância, há de se perceber um desejo nas crianças de se apropriarem e de fazerem parte integrante destes diferentes significados que um livro de literatura pode promover que ampliam suas percepções de si e do mundo.

A criança produz cultura em suas trocas, e a escrita é um objeto cultural, sendo recebido por eles onde signos e significados ganham formas e vida, e a relação com a cultura de um mundo letrado vai elaborando a compreensão de que a linguagem é representada de diversas formas, como na escrita, num desenho e na leitura.

Promover esse encontro entre a literatura, e a criança leitora é papel das instituições educacionais e dos professores, encontro que dará oportunidade para que a criança possa produzir sua cultura, ampliar sua voz e sua história, promovendo liberdade, instigando inquietações e conhecimento, por meio da formação sensível.

### **Leitura Frutiva – caminhos para o letramento literário.**

Como elucidado, as crianças na primeira infância, encontram-se na fase do mais importante desenvolvimento das linguagens e nelas devem-se concentrar atenção por parte dos mediadores, garantindo experiências fundamentais para situações comunicativas, de expressividade da língua, oportunidades de ouvir e de ser um participante, ou seja, trocas que fundamentam a importância do papel do outro e a de se expressar.

Pensando na potência da literatura infantil, por meio de práticas de letramento literário, como um caminho e convite às crianças para um contato próximo e amoroso com os livros e com a leitura exploramos as concepções de fruição e experiência estética literária, para que a criança possa reconhecer a literatura como arte em seu poder de humanização, assim como descrito pelos pesquisadores Nelly Novaes Coelho (2000) e Antonio Candido



(2004), numa relação de vivência de novas sensações, curiosidades, percepções e expressões também trazendo ganho na constituição de identidade e autonomia pelas crianças. Para Bonfanti e Schernikau (2013, p. 6), a leitura frutiva abre caminhos para

experiências singulares, permitindo uma relação com o mundo interior e exterior, um passeio pelos espaços íntimos de seu ser que apenas a leitura descobre, e cria uma relação estética com o livro, pois desenvolvem seus sentidos, conhecimento e firma elementos afetivos, cognitivos e sociais que o fortalecem para novas etapas.

Segundo o dicionário Michaelis (2018) o termo fruição ato de desfrutar de uma situação vantajosa, de alguma coisa, obtendo alegria e satisfação (física, emocional, estética, intelectual etc.)

Compreender o termo fruição, a partir dessa perspectiva condiciona uma atribuição à leitura de seu caráter lúdico, que singela e frágil, não dá conta de explicar o sentimento trazido pela leitura de literatura, já que, muitas vezes, a leitura não dá ao leitor somente o conforto e alegria, assim explicado pelo teórico Roland Barthes, que contraria o sentido trazido pelo dicionário, e difere pr prazer e fruição, para o autor “a fruição não obriga ao prazer; pode mesmo aparentemente aborrecer” Barthes, (1987, p. 67), “prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda” (1987, p.20). Cabe ao mediado a percepção da importância desse conceito para que a leitura, nos espaços institucionais de educação, a leitura do livro literária aconteça para além do didatismo, ou cunho moral, ou a diminuição das descobertas que cortam a íntima interpretação do leitor.

A fruição estética brinca com os sentidos do leitor, há um relacionamento livre com o livro literário, tendo um olhar dele como uma obra de arte que tem consigo a possibilidade de uma relação de desejo entre leitor e livro para além de sua funcionalidade. A fruição é caminho para a formação sensível da criança para a compreensão da literatura como um objeto estético, uma obra de arte, como salienta Neitzel (2006, p. 95),

A promoção da literatura nos ambientes educativos de forma a ser apreciada e fruída como fazemos com o trabalho artístico. Esse aspecto sinaliza para um trabalho diferenciado do pedagógico com a literatura, mas que de certa forma, pode ser aplicada e vivida e o quanto ela assume e traz significados completamente diferentes.



A fruição literária confere à criança o contato com a experiência estética, pois permite a compreensão da realidade e possibilita a produção de conhecimento por meio da arte e da linguagem, as propostas de práticas em torno da manipulação, leitura e fruição com livros literários, propõe-se a uma dimensão lúdica e dialoga com os percursos subjetivos da criança, fazendo-a experimentar diferentes sensações, risos até as lágrimas, permitindo que suas emoções se manifestem, assim como afirma Cunha (2014)

podemos entender a experiência estética literária como a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção. Tal produção literária é – ela também – uma experiência estética, cujo resultado seu criador quer fazer único e inconfundível, com marcas que ele gostaria que fossem percebidas pelo leitor como pegadas no caminho da leitura de sua obra. (CUNHA, 2014, p. 112)

Por meio da leitura com intenção à fruição pode ser uma forma de início ao processo de formação de leitor na criança pequena, pois a cada vivência com a literatura, adentramos mais no mundo das palavras e mais a realidade cultural da criança se entrelaça nas funções sociais da escrita e da leitura, e a experiência estética que a leitura literária proporciona, contribui para dar sentido ao mundo o qual vivemos. E os enlaces da fruição que acontece na relação da criança com o livro, não se constituem somente pelo prazer ou o deleite nesta interação pode ser também uma relação incômoda e desconfortável, assim como afirma Adair Neitzel (2008) “a fruição pode representar um descontentamento do leitor frente ao texto” (p. 763), mas esses sentimentos que quebram os horizontes de expectativa do leitor frente à obra artística, no caso o livro literário, não desqualificam a experiência estética que ela proporciona.

Nesta trilha onde há diálogos de todas as formas, o leitor pode se surpreender ou se encontrar em “estado de perda” (BARTHES, 1987, p. 22) em que sentidos e razões muitas vezes oscilam quando deparam-se com livros que acontece uma educação estética, fenômeno com bastante intensidade com as crianças, Claudete e Marina (2013) narram a experiência que tiveram durante um estágio obrigatório na Educação Infantil –no curso de graduação em pedagogia:

Ressalta-se que uma das crianças, no momento da roda da leitura, nega os livros de imediato, repulsa sua presença através de seus passos, expressando choro diante do desconhecido. Foi necessário ele enfrentar o novo, escolher um livro, ver tantas opções, e perceber que ninguém está impondo esta ordem. Passa a querer ficar longe de todos, mas uma simples ação docente fez com que compreendesse que ninguém iria questionar o que estava em suas mãos, ninguém iria obrigar a desenhar o que entendeu da história. Apresenta-se um livro, outro livro. Fica a vontade para apreciar as capas das obras e, em instantes, observa-se o mesmo menino, sentado, ao lado dos seus colegas, impressionado com as páginas, com o cheiro dos livros e um livro em sua mão não foi o suficiente. Era necessário, no mínimo, três. Que relação, quanta intimidade! (BONFANTI; SCHERNIKAU, 2013, p. 7).

Pode-se perceber que a autora Eliane Debus (1996) dialoga com o pesquisador Roland Barthes (1987) sobre estas experiências possíveis na relação das crianças bastante próxima com os livros literários, para Debus,

Os vazios devem ser combinados mediante as projeções do leitor, que não deve obedecer às expectativas habituais e sim desautomatizá-las, por meio da despragmatização das normas do repertório do leitor, colaborando para induzi-lo a modificar suas expectativas habituais, visto que o horizonte do leitor se amplia pela negação de um saber prévio. A atividade comunicativa, entre texto e leitor mediada pelas projeções, no entanto, tende ao desequilíbrio. (DEBUS, 1996, p. 69).

Para Barthes, a literatura pode tocar profundamente a vida do leitor, pois

Aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 1987, p. 22).

Quando se faz da fruição um caminho na literatura, propõe-se que o livro deve ser tocado, sentido e percebido, assim como afirma a pesquisadora Adair Neitzel (2009) quando destaca que “a obra literária não tem uma finalidade prática, utilitária, não há a preocupação com o informar, pois ela se justifica pela sua função fruitiva, [...] desejo pelo texto, que visa à sensibilização do leitor para com o texto” (p. 134).

Para que a literatura seja recebida amorosamente pela criança para proporcionar experiências estéticas, devemos pensar na qualidade dos livros, gráfica e literária, com temas variados que proporcionem às crianças as possibilidades de encontro com culturas e lugares diversos, pois os livros literários de qualidade “preveem e cumprem funções lúdicas, educativa e afetiva, incluem imagens e cores em estilos diferentes, possibilitam os exercícios

sensoriais variados (com sons, texturas, etc), contemplam aspectos do imaginário infantil” (RAMOS; SILVA, 2014, p. 168), ampliando assim seu repertório de linguagem e de mundo.

Aos professores, cabe a função de permitir o direito da criança, de sentir e viver acervo literário estético, introduzindo a criança no universo simbólico e na busca de seus sentidos e sentimentos frente a tudo que a cerca.

Como mediador das experiências literárias por meio da fruição, o professor deve ter o cuidado de conhecer variados acervos literários e suas formas de práticas e inclusão delas em seus planejamentos, para que as práticas com os livros literários não sejam somente instrumentalizados e reduzidos para a execução de atividades didáticas pedagogizantes específicas, que tiram da criança as possibilidades criadoras em sua com os livros. A escolha do material literário a ser oferecida para as crianças tem que ser cuidadosa, para que os livros não se tornem meros coadjuvantes dos processos de aprender, assim como nos comunica Adair Neitzel (2008) quando ressalta que “o livro usado prioritariamente como estratégia de ensino, ou seja, para ensinar componentes curriculares, ou ainda para reforçar valores, como é o caso de fábulas, ele deixa de ser um elemento de prazer e de fruição para a criança e passa a ser visto como um objeto de doutrinação” (p. 763)

Esta mediação de práticas e vivências asseguram descobertas e conhecimentos em diversas dimensões em termos sociais e cognitivos na criança, segundo Carvalho e Neitzel (2008) “para que o leitor possa adentrar os interstícios da obra, ele precisa se manter receptivo a ela, cabendo ao professor descobrir alternativas que aproximem a criança do livro” (p. 764), Os livros literários colaboram para que o professor amplie o campo de opções com diversos suportes da escrita e leitura, e assim ampliar também os caminhos possíveis para práticas de letramento, na brincadeira com textos orais, explorando as rimas de quadrinhas, parlendas e brincadeiras cantadas, valorizando a “expressão oral das narrativas infantis desde muito cedo, utilizando-se para tanto um momento privilegiado da jornada diária que é a roda de histórias” (AUGUSTO, 2011, p. 57), por exemplo, entre outras tantas possibilidades de exploração de material literário em seu cotidiano.

Essas propostas que valorizam a expressão oral das crianças vão ao encontro com o pensamento de Piaget (*apud* Souza, 2016, p. 91) que destaca a importância da palavra como a representação simbólica de um pensamento, assim o professor deve assegurar espaços de fala para as crianças e valorizar esses momentos de rodas de conversas e de escuta, otimizando suas representações, organizações de pensamento e linguagem oral, pois é a partir da fala que a criança estabelece novas conexões chamadas de ênfase simbólica “significa estabelecer uma

conexão entre alguma coisa que a criança já conhece com outra desconhecida, fazendo uma analogia, um contraste, similaridade etc. Dessa forma, você pode ir construindo as palavras e os conceitos que a criança entende” (MCGUINNESS, 2006, p. 62).

Todas as experiências das crianças devem ganhar visibilidade e serem valorizadas, e sobre este percurso no letramento literário, Ferreira e Teberosky (*apud* AZENHA, 1997) nomeiam de percurso prévio a escolarização/alfabetização, que a aprendizagem implica uma história no interior do desenvolvimento individual da criança, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento.

Aqui visto, um livro literário provido de educação estética diferencia-se dos demais, pois a sua essência está ligada a uma linguagem diferente e a uma experiência profunda com as descobertas de si do leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E faz o povo pensar!  
O livro, caindo n'alma  
É germe – que faz a palma,  
É chuva – que faz o mar!  
Castro Alves (*apud* NEVES, 2011, p.11)

Castro Alves diz que o livro semeia, e não teria melhor forma de trazer as considerações de um estudo em que tanto se pontuou as reflexões e análises para formação do leitor literário numa concepção de que o livro literário necessita ser percebido como arte e que a literatura frutiva promove situações de aprendizagem que se apoiam no brincar, rir, acolher, aprender, chorar e compreender a função social da linguagem escrita. Sendo tudo isto por meio de quem pode semear, somos nós professores, pais, irmãos, amigos, os mediadores para com as crianças.

Pudemos observar através da fundamentação amparada pelas vozes de vários autores que aqui nos acompanharam, que o “saber do sensível” (Carvalho, 2009), é condição para entendermos e darmos sentido ao mundo em que vivemos, refletindo sobre ele e as formas de interações. Dessa forma, podemos concluir então que o letramento literário é um meio da criança ampliar sua visão de mundo, além de ser um elemento de formação cultural e humana, assim como nos afirmou Antônio Cândido (2000).

Estudar a literatura infantil, por meio de conceitos como o letramento literário e a fruição estética nos coloca sempre em ação e em reflexão frente às problematizações de como se tem abordado nos espaços educacionais os saberes sobre a aproximação da criança com livros, e que essa relação próxima e amorosa, é direito que devemos garantir, permitindo-lhes trilhar percursos de aprendizagens que as permitam encontrarem-se por meio da leitura e dos livros, conhecimento de si e de mundo, compreendendo os sentidos das palavras das imagens.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. In. NEVES, André. A caligrafia de dona Sofia. Paulinas Editora. 2011.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na Educação Infantil**. In. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Universidade Estadual Paulista, 2011.

AZENHA, Maria da Graça. **Imagens e Letras: Ferreiro e Luria**. São Paulo: Ática, 1997.

BAPTISTA, Mônica Correia; CRUZ, Priscila Maria Caligorne; NORONHA, Amanda de Abreu. **Letramento literário na primeira infância**. 2013. V 1. Universidade Federal De Uberlândia, Minas Gerais. Anais do CENA.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BONFANTI, Claudete; SCHERNIKAU, Marina Kinschikowski. **A leitura frutiva e a ação docente na Educação Infantil**. Revista de Divulgação Interdisciplinar do Núcleo das Licenciaturas Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004. P. 169-191.

CARVALHO, Caroline. **Formação de leitores: A contação de história**. 2009. 189f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado Acadêmico em Educação. Universidade do Vale do Itajaí. Santa Catarina.

CARVALHO, Caroline; NEITZEL, Adair de Aguiar. A literatura na formação de professores. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1983.

DEBUS, Eliane. **Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

FERREIRO, Emília; WEISZ, Telma. **Grandes diálogos**. Nova Escola. São Paulo, p.28-29, junho.2013.

FRUIÇÃO. In. Michaelis. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/frui%C3%A7ao/>>. Acesso em: 18 de jun. 2018.

MCGUINNESS, Diane. **Cultivando um leitor desde o berço: A trajetória de seu filho da linguagem à alfabetização**. Tradução Rafaela Ventura; revisão técnica Sebastião Votre; Rio de Janeiro: Record, 2006.

NEITZEL, Adair de Aguiar. **Sensibilização poética: educar para a fruição estética**. In SIRGADO Angel Pino; SCHLINDWEIN, Luciane Maria (Orgs). *Estética e Pesquisa: Formação de Professores*. Itajaí: Ed. Univali: Ed. Maria do Cais, 2006.

OBERG, Maria Silvia Pires. **Informação e significação: a fruição literária em questão**. 2007. Tese (Pós Graduação) – Programa de Pós Graduação. Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da. **Leitura do berço ao recreio. Estratégias de promoção da leitura com bebês**. In Viana, F. L., Ribeiro, I. E Baptista, A. (coord.), *Ler para Ser. Os caminhos antes, durante e... depois de aprender a ler* (pp. 149-174). Coimbra: Almedina, 2014.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e linguagem**. In: *Ser criança na educação infantil: Infância e Linguagem*. Ministério da Educação. 1.ed. Brasília, 2016. P. 13-43.

SPENGLER, Maria Laura Pozzobon. **Alçando voos entre livros de imagem: o acervo do PNBE para a educação infantil**. 2017. 213 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.